

# APRESENTAÇÃO

Este número de Mediações é lançado quando diversos protestos são realizados em diferentes cidades européias, convocados por várias organizações, sobretudo ligadas aos Direitos Humanos. O alvo são as medidas tomadas pelo governo francês de expulsão do seu território de centenas de pessoas não-nativas, sob o argumento de estas serem uma ameaça à segurança e à identidade nacional francesa. Nenhuma exclusividade a este governo. Estados Unidos, Reino Unido, Itália e outros governos, discutem políticas migratórias e práticas “estrangeiras” dentro de seus territórios, gerando polêmicas que indicam a complexidade que cerca o tema dos direitos da(o)s cidadã(o)s no mundo contemporâneo. O Dossiê que ora publicamos não poderia abordar esta temática senão a partir de diversos olhares, por vezes polarizados.

Problematizar alguns dos fundamentos históricos, filosóficos e políticos torna-se tarefa principal para o exame dos direitos humanos. Fundamentos que, embora contingentes, para vários autores, são correntemente naturalizados, como produto da democracia liberal-capitalista. Nessa linha de análise, Slavoj Žižek, no artigo *Contra os direitos humanos*, questiona como e em quais condições históricas a universalidade abstrata se tornou um “fato social”. Raquel Kritsch faz um exercício didático para mostrar formas de pensar os direitos, na Ciência Política, traçando um importante recorte entre teorias “que procuram explicar um fenômeno tal como é” (analítico-descritivas) e as ancoradas em compromissos éticos do que “deveria ser” (prescritivo-normativas). Matheus Hernandez analisa a Conferência Mundial de Viena (1993), um marco, segundo ele, para a universalização dos direitos humanos tanto na agenda política, como na flexibilização da soberania dos Estados.

Os direitos humanos, pensados como sinônimos de direitos inalienáveis do que é ser Homem, têm feições predeterminadas e observam, também, sistemas particulares que definem quais e para quem tais direitos devem ser concedidos. Rita Bocco e Gisela Bulanikian examinam a desigualdade e vulnerabilidade de certos setores sociais e o lugar de discursos hegemônicos na produção de estereótipos discriminatórios. Pensar “o direito” como um atributo universal e “o humano” com uma única feição, implica deixar de fora a vida e a dignidade de outros humanos, como também de outras visões de ser e estar no mundo. As implicações de uma lógica de direitos humanos universais orientados, entre outros, pelo direito à propriedade, e que se contrapõe à singularidade de grupos indígenas como os Nambiquara e os Guarani Kaiowá, são apresentadas por Grazielle Acçolini. O

significado para estudantes de ensino médio de diversos termos, vinculados à linguagem dos direitos humanos, é o cerne do artigo de Elisabeth Guimarães. Por último, Carlos Figari apresenta uma discussão em torno do casamento universal que, baseado em leis supostamente naturais, exclui formas de organização sexual, relações parentais e familiares, produzindo condições de existência “sub-alternas” como a das pessoas GLBTII. Mesmo tendo como pivô da discussão o “casamento universal”, mais do que pensar a universalidade do humano, coloca-se em pauta a mobilização política de alguns setores, que deixa em evidência as diferentes manifestações da vida humana.

Diversos enfoques disciplinares e teóricos ocupam a sessão de artigos. Arthur de Aquino trata da consolidação da ideologia industrial e a formação do Estado brasileiro. Ordep Serra et al. mostram que, para além do templo, os terreiros de candomblé são também agências de serviços de saúde populares em Salvador (BA). Clóvis Da Rolt coloca em perspectiva as concepções de história e cultura de Walter Benjamin e Gianni Vattimo. Maria Raquel Duran analisa a importância do mito e da música como linguagens culturais a partir da obra de Richard Wagner. Os perfis e trajetórias de Antonio Candido e Florestan Fernandes são apresentados por Claudinei Spirandelli. Ednaldo Ribeiro discute as teses acerca da emergência de valores pós-materialistas, notando as dificuldades de tal enfoque no contexto nacional à luz dos indicadores sobre tolerância da Pesquisa Mundial de Valores. Débora Mendes analisa a publicidade contemporânea observando as contribuições do feminismo para a teoria social.

Tiago Zaidan abre a sessão de resenhas apresentando o livro *Direitos Humanos*, de Marco Mondani, re-editado em 2008, por ocasião dos 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Waldir Rampinelli apresenta o livro *Terror y Império: la hegemonia política y económica de Estados Unidos*, uma coletânea de ensaios de John Saxe-Fernández. Ana Cleide Cesário e Ana Maria de Almeida analisam a coleção de textos organizada por Marcio de Oliveira e José Szwako, *Ensaíos de sociologia e história intelectual do Paraná*. Finalmente, Marco Perruso resenha, segundo ele, um dos principais trabalhos e análises a respeito de Raul Seixas, escrito por Rosana da Câmara Teixeira.

Esperamos que este dossiê sobre os Direitos Humanos contribua à procura de outras construções que, mais do que encerrar uma condição de Ser Humano, assumam o desafio de formas de existência humana em constante transformação para além dos limites rígidos impostos por pretensões identitárias e prescrições jurídicas.

*Comissão Editorial*